



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11276 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Arte, educação e linguagens

DE PAISAGENS E LINGUAGENS: afluências da geo-poesia de Manoel de Barros com a educação

Jônatas de Jesus Tavares Farias - UFPA-PPGEDUC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Gilcilene Dias da Costa - UFPA - Universidade Federal do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

DE PAISAGENS E LINGUAGENS: AFLUÊNCIAS DA GEO-POESIA DE MANOEL DE BARROS COM A EDUCAÇÃO

1. AO MAPA, ÀS ENTRADAS

Este trabalho parte da constituição e abordagem do conceito de geo-poesia e suas implicâncias variacionais no pensamento em educação. Assim, pensa-se, junto às questões que tal conceito implica, as tessituras, agrimensuras, composições e conexões afluentes que este pensamento poético-filosófico-literário-cartográfico experimenta no território educacional. É, portanto, um pensamento que movimenta-se pela via da palavra do ínfimo, da poética de chão de Manoel de Barros.

Nesta relação traçada, no entanto, há ainda muitos desconheceres, principalmente no que diz respeito ao próprio conceito *geo-poesia*, que não nos é algo dado, já constituído ou já desenvolvido, antes se constituiria enquanto possibilidade de experimentação, algo de que se faz uma agrimensura, em que se conhece seus territórios e suas conexões, sua geografia propriamente dita. Naturalmente, isto se dá pela própria constituição da pesquisa em que a geo-poesia é tecida, que está em desenvolvimento.

Dessa forma, neste trabalho, nos voltaremos às questões que envolvem o conceito de geo-poesia e que despontam rios que confluem, ou que criam afluentes, no educar. Estas afluências que irrompem no educar constituem-se, turvamente, pelas linhas de composições filosóficas-poéticas-literárias, disto que se pensa junto e a partir da filosofia da diferença de

Deleuze & Guattari e da poética do ínfimo manoesca.

Destas questões todas em que envolve-se a geo-poesia, pode-se destacar algumas como: Com o que a *geo-poesia* funciona? Que implica em perguntar: Qual a geografia de uma *geo-poesia*? Como constitui sua geo-grafia, suas sedimentações? Quem a acompanha no seu nomadismo? Tais perguntas são destacadas a fim de que se possa demonstrar a problemática sobre a qual nos lançamos. A partir destas questões, pelas vias que elas despontam, será possível pensar o educar, numa relação intrínseca com o poético.

Porém, tais questões são possíveis de serem lançadas porque despontaram de outras questões que ou não dariam mais conta do conceito de geo-poesia, ou foram abandonadas, deixadas de lado para que se pudesse fazer outras questões. E isto, entende-se, constitui todo um processo, ou procedimento, de uma pesquisa que se pretende rizomática, cartográfica. Implica, pois, que trate-se deste elemento: o da pesquisa e seus procedimentos, ou métodos, como queiram.

E, neste ponto, sinaliza-se a organização desta escrita, cuja ideia-força é a afluência, no pensamento em educação, provocada pelas perguntas em torno da geo-poesia, ou antes, a constituição da geografia da geo-poesia de Manoel de Barros e suas conexões e ressonâncias no pensamento educacional. Assim, pois, esta escrita desenvolve-se pelas seções: metodologia, onde aprofunda-se a noção de cartografia de intensidades literárias, a partir de Deleuze & Guattari; discussão e resultados, em que atém-se à abordagem dos processos constituintes do pensamento da geo-poesia, no sentido de suas questões e seus despontamentos geo-poéticos-filosóficos no educar, com a tessitura de seus primeiros afluentes; conclusão, onde sinaliza os elementos possíveis do pensamento e a constituição deste pensamento que faz-se entre regiões ainda por vir.

2. ÀS PAISAGENS: cartografias literárias

Para pensar a geo-poesia e sua constituição incerta e experimental, é preciso traçar procedimentos que criem possibilidade de constituição escrita disto que, incerto e experimental, se atravessa no pensamento. O desafio, portanto, consiste em dar uma língua às intensidades que atravessam e compõem toda uma geografia entre poética, filosofia e educação. E, ainda, na falta de uma língua que invente-se uma, ou quantas forem necessárias, para dar conta dos povoamentos, matilhas e multidões que operam nomadismos na geografia composta.

Assim, volta-se à cartografia de intensidades de Deleuze & Guattari (2011), pois é por meio dela que se pode traçar todo um mapa, reversível e desmontável, que se constitua de todos esses elementos que vão deste a incerteza, à experimentação, à composição da geografia do pensamento até aos existires possíveis nessa geografia e aos processos formativos que eles criam.

Portanto, na busca por proceder num exercício de um pensamento sem uma imagem prévia do que seja pensar, lança-se à constituição de uma cartografia cujas intensidades sejam as movimentadas pela palavra poética-literária. Nessa cartografia de intensidades literárias move-se por todo um processo em curso “[...] que vai se realizando pelas frestas das formas, lá onde o intempestivo se apresenta, impulsionando à criação” (PASSOS, et. al., 2015, p. 10). Processo em curso em que se compõe toda uma agrimensura entre as potências da poética do ínfimo e sua geografia e afluentes, que impulsionam criações no âmbito do educar.

Dessa forma, a cartografia, metodologicamente, consiste nesse acompanhar dos processos de conexão e composição entre territórios e suas linhas desconhecidas e, nesse acompanhar, ir tecendo limiares de um mapa que se constitui de fazimentos, desfazimentos e refazimentos contínuos. “Guattari chamou estes movimentos de caomose: desarranjos e novos arranjos de produção de realidade” (PASSOS, et. al., 2015, p. 30), assim, o método cartográfico define-se “[...] a um só tempo [...] descrever, intervir e criar efeitos-*intensidades*” (PASSOS, et. al., 2015, p. 27), portanto, é tomado enquanto um exercício de “[...] agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 19).

Acompanhar os moveres da geo-poesia e suas paisagens do ínfimo requer, dada suas longitude e latitude, uma cartografia que proceda por esboços e rascunhos de movimentos que se façam no entre das linguagens geo-poética-filosófica-educativa, ou seja, que crie-se procedimentos que ao mesmo tempo sobrevoem, ao mesmo tempo impregnem os territórios a agrimensar-se. Tais procedimentos constituem um movimento junto à poética manoesca, isto é, operam suas criações por invencionices e arejamentos na linguagem do pensamento em educação e do próprio pesquisar.

Aqui tomamos a proposição “cartografias literárias” (COSTA, 2022) para referirmos aos “movimentos rizomáticos da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari ao encontro das inquietudes literárias experimentadas nas artes de escrever-pesquisar em educação” (p. 113). A cartografia literária avizinha-se ao pensamento da diferença na educação, movimenta-se por platôs de conectividades *entre* a literatura e a vida, *entre* o pesquisar e o intervir em um real singular produzido, desloca-se por paisagens nômades e desérticas à espreita da criação de conceitos, em aliança com intercessores que agenciam encontros com a literatura e a educação.

A cartografia literária desafia a pesquisar construindo planos e mapas provisórios, a percorrer os territórios da escritura ora detendo-se em atenção ora deslocando-se e espreitando o acontecer da pesquisa em seus movimentos de voos e pousos provisórios, a ler-escrever concomitante ao pensar, perguntar, intuir, conversar, relacionar, estranhar, recuar, articular, enfim, do arriscar maquinar os “blocos de sensações” literários que extravasam a tessitura multifôrme de um corpo-escritura que joga com o vivido criado ao tempo em que é por ele jogado, nos movimentos íngremes do escrever-pesquisar. (COSTA, 2022, p. 115)

Afirma-se, assim, uma cartografia geo-poético-literária, cujos esboços compõem-se

pelos deslizamentos de barrancos, pela criação de novos leitões e pelo surgimento de ilhas nos territórios da geo-poesia de Manoel de Barros. Movimentos de regiões por vir, em que se adentra à medida que embrenha-se nas composições de uma geo-poesia do pensamento em educação.

3. GEO-POESIA: tensões E história E heterogênesse

Neste ponto adentra-se nas tensões provocadas em torno da geo-poesia. O que têm-se aqui é um mapa que diz de geografias do pensamento experimentado. Mapa composto de deslizamentos de barrancos, de perguntas transformadas em tapetas e de perguntas ecoantes. Todo um percurso que pretende acompanhar os moveres da geo-poesia e seus desbocares.

Ora, uma constituição de pensamento deva, talvez, iniciar-se pela pergunta que o move. No entanto, experimenta-se um outro caminho. Antes de lançar-se aos tensionamentos, paremos no ponto de onde os tensionamentos surgem, ou tendem a surgir. Antes de, e de certa maneira já o fazendo, perguntarmos sobre “Como a geo-poesia, enquanto conceito, se constitui?”, perguntemos: E então? De que é mesmo que um conceito se constitui?

Esta pergunta parece beirar o impronunciável e o risível, pois se pergunta-se como uma coisa se constitui como conceito, deve-se, necessariamente, saber como se constitui um conceito. Mas pensa-se numa outra possibilidade, a de tomar a pergunta enquanto uma questão que provoca tensão. E que tensão provoca? Uma tensão que escapa e não se remete a uma relação que já estaria dada, no sentido que se pergunta necessariamente porque se sabe esmiuçadamente sobre o elemento a que se pergunta. A via aqui seria a de tomar a pergunta como elemento intensivo, inaugural e inquietante. De que se constitui um conceito?

O conceito é, talvez, constituído por um exercício criativo de um pensamento filosófico, ou ainda, pela criação/intervenção de uma filosofia cujo movimento faz-se geograficamente. Isto, claro, não responde à inquietação da pergunta, mas move a inquietação para outros espaços/territórios. Assim, o pensamento, aqui referido, é de Deleuze & Guattari, filósofos do Pensamento da Diferença, campo sobre o qual desenvolve-se os germes do pensamento, constituídos pela pergunta inicial que levou-nos à segunda pergunta e que nos trouxe até este ponto.

Questões, no entanto, surgem neste ponto em que estamos. Que perguntas se fazem a um conceito? Que questões pode um conceito receber? E, as recebendo, como as recebe? Que relação é esta em que nos pomos a perguntar, a questionar sob e sobre um conceito? Estas perguntas não seriam já da ordem de uma intervenção sob o conceito, sob isto que se pergunta? O que nos garante que as perguntas que lançamos ao conceito são, justamente, aquelas pelas quais ele anseia e se movimenta?

Estas questões apontam para dois movimentos deste exercício de experimentar/escrever com um conceito. O primeiro seria o de lançar perguntas àquilo que

está por vias de se compor e de se constituir, despontando num lugar onde sacodem-se nossas questões, como se delas pudéssemos requerer sua veracidade, sua legitimidade. O segundo aponta para o próprio movimento do pensamento, da constituição do conceito, que diz de regiões ainda por vir. Essa via evidencia o movimento difuso, instável, corrosivo e intenso que é a constituição da heterogênesse e da consistência do conceito.

Estas duas vias deste exercício constituem um duplo movimento que não escapa ao pensamento, que é o de pesar-se as colocações, as questões que se lançam e ao mesmo tempo experimentá-las possíveis nas regiões que se compõem no pensamento, na escrita, na constituição mesmo do conceito. É, assim, no sacudir de nossas questões que uma pergunta mantém-se potente.

E traz-se esta porque, parece-nos, estas perguntas que se lançam a um “que questões pode um conceito receber?” muito se aproximam a um “isto é bom ou mal para um conceito?” do que se comporiam com um “isto é potente a um conceito?”. Parece-nos que ao perguntar sobre que questões poderia receber ou não um conceito nos aproximamos muito mais de uma tentativa de compreensão de um conceito do que de uma potencialização, pela qual nos aproximaríamos lançando a pergunta: “com o que este conceito funciona?”.

Pergunta-se, assim, junto com Deleuze e Guattari quando pensam um livro, em Mil Platôs, “[...] perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua [...]” (2011, p. 18). É assim, pois, que retornamos à pergunta “Como a geo-poesia, enquanto conceito, se constitui?”, não para respondê-la, mas para, num exercício de deslocamento, perguntarmos: Com o que a geo-poesia funciona?

Nossa atenção às questões dá-se porque por elas nos movimentamos, por elas tecemos uma primeira linha, que pode ser de fuga, como pode ser de estratificação. Porém, a imprevisibilidade destes movimentos compõe o exercício cartográfico de um pensamento que tece-se geograficamente entre os elementos postos em tensão. O que se quer, pois, nas experimentações destes lugares é constituir relações, elementos possíveis de composição de um conceito de geo-poesia que proceda por variações, constituído por processos, ordenadas intensivas, heterogêneses.

Embrenhamo-nos nas questões que surgiram, que foram abandonadas e nas que irromperam na geografia da geo-poesia. Tais questões apontam para a constituição da heterogênesse do conceito, que está conectada à sua história. Evidentemente, dizem Deleuze e Guattari (2010), o conceito, todo conceito, tem uma história. Assim, qual a história da geo-poesia? E por que ela está conectada com sua heterogênesse?

A geo-poesia tem sua história traçada por um pensamento conceitual que lhe é anterior, o da literatura-viva. Tomado aqui enquanto uma composição ainda muito espalhada, como que querendo habitar muitos pontos e nessa tentativa escapasse de habitar algum. No entanto, esse escorregadio pensamento é crucial para a constituição e possibilidade de

experimentação do conceito de geo-poesia, visto que ele parte do elemento primordial de composição/criação da geo-poesia: a potência da palavra literária.

Assim, o pensamento de uma literatura-viva, por compor-se de vivências no âmbito da escola pública, abre-se e torna-se como elemento que ao mesmo tempo que permanece o que é, um pensamento conceitual que se tece a partir de uma vivência-experimentação, já diz da possibilidade, impulsiona, ou exige, uma outra coisa, que desloque-se dele, ainda que mantendo relação intrínseca com a potência literária, e que seja uma outra coisa, um outro pensamento, uma outra abordagem conceitual. Dessa forma, pensar a geo-poesia só é possível no terreno traçado pela literatura-viva. E ela pode-se constituir somente no vívido e no vivido dessa palavra-literária-viva.

Por ser gestado neste terreno fértil do vívido e do vivido da literatura-viva é que a geo-poesia era-nos um pensamento estabelecido, já dado, com toda uma consistência já definida e quase que definitiva. Mas colocada em tensão, pelas perguntas que a ela se lançam, abandona-se sua já dada segurança e consistência. Experimenta-se, assim, sua possibilidade de heterogênesse e os lugares que seus rios lançam seus braços ramificados e labirínticos.

Deixa-se o porto, transforma-se a segurança em tapera e ruma-se ao rio-rizoma que é este pensar/acompanhar a geo-poesia na tessitura de seus encontros entre águas amazônicas e pantaneiras. Que afluentes surgem desse encontro? Quanto tempo nossas perguntas sobrevivem na solidão destes rios?

3.1. À BEIRA: solidões e infâncias afluentes

Para entrar nesses afluentes é preciso que se escreva/cartografe à beira dos rios, à beira das palavras, ou antes, à deriva entre os encontros de águas cujos cursos misturam-se. Mistura em que a geo-grafia da geo-poesia torna-se úmida, encharcada de solidões, de imagens de infâncias, de processos poéticos-formativos.

As solidões que movem-se nestes afluentes são toda uma mistura. São estas da poética manoesca e são outras. São solidões que despontam na palavra e no tornar o ínfimo um brinquedo, infantil, maleável, múltiplo, variável. Estas solidões inauguram as águas destes rios da geo-poesia e compõem vazamentos, rompimentos e deslizamentos na paisagem do ínfimo. É pelo movimento inventivo de solidões-povoadas que nossas perguntas flutuam (e afundam).

As solidões irrompem. Movem elementos de lugar. Lidam com partículas e com estratos. Provocam um turvar da linguagem no movimento das águas misturadas. Operam deslizamentos de blocos. Caem-se barrancos e deformam-se margens pelos seus incessantes remansos. Seus movimentos são o do rio desbocado de Manoel, que “[...] cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitos. E destampa adoidado” (2010, p. 201). Estas solidões-rios se entornam preguiçosamente e inventam novas margens.

Dissemos, também, que são solidões que despontam nas palavras. O são de maneira que, turvando a linguagem, este rio que compõem atinge o ponto de não ser mais rio, mas “[...] uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa” (BARROS, 2015). Este rio-cobra-de-vidro abriga em suas margens deslizantes os feitos e os feitos de brincares, as imagens de infâncias inventadas e inventivas. É na margem desta solidão-rio que meninos brincam com suas palavras. E, à margem, na solidão, catam-se os pedaços de nossas perguntas e faz-se com elas brinquedos e brincadeiras. Seriam, ainda, perguntas? Questões a responder?

A composição da paisagem e da geografia da geo-poesia é movimentada por todo este brincar que torna possível produzir nascimentos. Turvar a linguagem é o processo que se acompanha, o procedimento que se traça, para que se componha na geo-poesia toda uma inventividade de processos poéticos-formativos. Move-se junto a estas solidões e imagens de ínfimas-infâncias a fim de que se desponte, junto a estas águas e margens, toda uma geografia de um educar-outro.

Esta composição, no entanto, é da via do por vir, são regiões ainda a agrimensar, territórios a compor neste maleável mapa-pensamento. O que pode-se, portanto, afirmar desta geo-poesia é: suas derivas, seus afluentes, são potentes de elementos que ao serem conectados ao tronco da Educação o fazem operar por diferentes e estranhos usos. Despontam em garápes e regos e brejos cuja umidade operam sujidades e nódoas no educar. Há ainda, muito o que desaprender sobre a geografia desta geo-poesia manoesca.

4. DESBOCARES

A afluência e despontar da poética manoesca provoca muitos remansos e deslizamentos no educar. A composição de geografias intensivas desta geo-poesia se constitui como um território a se embrenhar, e que parece ainda guardar muitos mistérios, dos quais, dado nosso movimento-pesquisa, pouco nos ocuparemos. Interessa-nos a superfície destes rios-solidões, a composição de infâncias nas margens, o que passa por estes rios e que ramificações, que leitões há de criar.

Portanto, nesse sentido, há de se experimentar a deriva nestes rios e toda a geografia e toda etologia que eles compõem consigo mesmos. Havemos de escutar a correnteza destas águas, aprendendo a navegar em suas vazantes, cheias e premares, aprendendo a ouvir o silêncio de suas águas solitárias e, desse silêncio, extrair cifras que nos ajudem a compor, a tecer, a (des)montar o mapa-pensamento, o conceito de geo-poesia.

Assim, estas relações geo-poética-filosófica-educacionais nos são da ordem de um aprender que só pode ocorrer no desaprender oito horas por dia, de que diz Manoel. Este é um desaprender, segundo o poeta, que ensina princípios. Embrenhemos nos princípios e principiaries a geo-poesia tece, destece e *retece* com o educar.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias literárias nas artes de escrever-pesquisar. In LEMOS, Flávia Cristina Silveira *et. al.* (Organizadores). **Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari**: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias. – Curitiba: CRV, 2022, p. 113-125.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Trad. de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.